

## CONVERSAÇÃO ENTRE MÃES OUVINTES E CRIANÇAS SURDAS

MARIA CRISTINA DA CUNHA PEREIRA  
(PUC/SP)

Trabalhando há muitos anos como lingüista numa escola para crianças surdas, tenho vivenciado o uso de diferentes abordagens que têm como objetivo favorecer o acesso de crianças surdas à linguagem, e tem chamado a minha atenção o fato de que crianças com a mesma perda auditiva e pertencendo a famílias de nível sócio-econômico-cultural semelhante não parecem se beneficiar do mesmo modo de uma mesma orientação. Tais diferenças não podem estar relacionadas, a meu ver, ao uso que a família faz de uma abordagem particular entre as sucessivamente adotadas pela escola e nem tampouco ao seu nível sócio-econômico-cultural mas antes parecem depender mais da forma como a família representa a criança surda enquanto um indivíduo capaz de desenvolver linguagem.

Em minha tese de doutorado (Pereira, 1990), ao analisar o uso dos gestos por parte de quatro mães ouvintes com seus filhos surdos, ficou evidente que, embora todas as mães usassem tanto fala como gesto na interação com os filhos, algumas privilegiavam o gesto enquanto outras a fala. Tal fato parecia resultar da representação ou imagem que cada mãe construiu de seu filho como interlocutor e das possibilidades comunicativas do mesmo. As conseqüências dessas tendências interativas diversas se refletiram no desenvolvimento de cada criança. Assim, das quatro crianças, três passaram a privilegiar a comunicação gestual na interação com as mães, enquanto que só uma privilegiou a oral .

O meu objetivo nesta apresentação é analisar outros sub-conjuntos de episódios interacionais de díades de mães ouvintes e filhos surdos, tendo como o foco principal:

1. os diferentes graus de participação das crianças na conversação, assim como as diferentes estratégias empregadas por elas;
2. os aspectos formais e de conteúdo da interpretação das mães.

Suporte teórico para tal análise é fornecido pela perspectiva interacionista sobre aquisição de linguagem pela criança, desenvolvida por de Lemos (1992, 1994). De acordo com tal visão, o que está em jogo na aquisição da linguagem é a relação da criança com a linguagem. A interpretação da criança por parte do adulto tem o efeito de inserí-la dentro do funcionamento da língua.

Ainda, segundo de Lemos (1992), na aquisição inicial da linguagem, o enunciado da criança é ouvido e ressignificado pelo enunciado do adulto, já que nesse momento a criança não dispõe de significantes que lhe possibilitem interpretar os enunciados do adulto e os seus próprios enunciados. É somente à medida que os significantes se

cristalizem em redes de relações que a criança passa a ressignificar seus próprios enunciados e, além da posição de interpretado, pode assumir a de intérprete de si mesmo e do outro. Cabe ao adulto, portanto, colocar a criança - sua fala, gesto, olhar, movimento - numa estrutura, ainda que o efeito dessa interpretação não seja previsível e se dê a ver apenas a posteriori - na fala, no gesto, na relação da criança com o “mundo de objetos”. É desta forma que a criança pode sair da posição de interpretada pela fala do outro, atuante em sua própria fala, para uma posição em que é a língua, enquanto Outro, que a desloca e ressignifica (de Lemos, 1994).

No caso das crianças surdas, filhas de pais ouvintes, as mesmas ficam sob o efeito da fala da mãe, ainda que não escutem. Este efeito é identificatório e é evidenciado não só pelos gestos incorporados mas também pelos movimentos articulatórios que apresentam. A tomada pela criança dos significantes da mãe, sob a forma tanto de fragmentos da sua fala como de gestos, demonstra a eficácia da interpretação à qual a criança é inicialmente submetida. Além disso, o fato de esses fragmentos mais tarde relacionarem-se entre si de forma significativa na fala e nos gestos das crianças indica o movimento das mesmas em direção ao sistema simbólico. É importante enfatizar aqui que a interpretação que o adulto faz da criança é, pelo menos parcialmente, determinada pela representação que tem em relação à mesma como falante.

Os dados selecionados para este trabalho foram obtidos através de gravações mensais com equipamento de Video-Tape de quatro crianças surdas, na faixa etária de 3;0 a 6;0 anos, na interação com suas mães ouvintes em situações de atividade livre.

Desde as primeiras gravações pude constatar que a interação entre as mães ouvintes e seus filhos surdos se caracterizava pela atividade sobre objetos, como jogos de encaixe e de construção, carros e caminhões, livros e lousa, entre outros, e nela tanto as mães como as crianças faziam uso de gestos de mostrar e de apontar. As mães interpretavam os gestos de seus filhos, em geral através da fala, concomitante ou não a gestos, como se pode verificar no exemplo abaixo:

(1) (Viviane (3;0.19) e mãe brincam com jogo de encaixe de argolas)

Vi. - [aponta o jogo e a mãe duas vezes] (tira uma peça do jogo) [mostra a peça para a mãe]

Mãe - Ah! Pra mamãe tirar.

[Gesto de dedos indicador e polegar unidos em pinça, os demais esticados e movimento de levantar a mão, mantendo os dedos na mesma posição, interpretado como **tirar**]

(A mãe, que estava sentada, levanta-se e leva o jogo para a cadeira. Volta e fica em pé)

Vi. - [aponta o chão] [gesto de abaixar e levantar a mão aberta próxima ao chão, interpretado como **abaixar**]

Mãe - abaixar? (Mãe se acocora).

No exemplo acima, além de gestos de apontar e de mostrar, Viviane faz uso de movimentos sobre os objetos, sendo que o valor discursivo destes movimentos parece ser reconhecido pela mãe, que os interpreta, atribuindo-lhes sentido.

Enquanto que a mãe de Viviane parece privilegiar a fala na interação com a filha, ainda que interprete todos os seus comportamentos, a mãe de uma outra criança - Vanessa - faz uso de estratégias diferentes para se comunicar com a filha, como se pode verificar no exemplo:

(2) (Mãe de Vanessa (3;3.4) pega livro que tem cachorro na capa e aproxima-o da filha como se fosse um cachorro andando e late)

Mãe - au au

(Va. Tenta pegar o livro, mas mãe lhe faz cócegas)

Mãe - [mostra figura para Va.]

Ó o cachorro.

Ao fazer o cachorro do livro andar e latir, a mãe de Vanessa insere uma forma de demonstração, estratégia muito observada nesta dupla nas primeiras gravações. A eficácia desse comportamento da mãe pode ser observada no exemplo abaixo, em que, na mesma gravação, Vanessa, ao pegar o livro com a figura de um cachorro na capa, reproduz os comportamentos realizados anteriormente pela mãe.

(3) (Vanessa (3;3.4) pega o mesmo livro do cachorro. Abre na folha onde tem um)

Va. - [aponta figura de cachorro]

(Coloca o livro em pé no chão e o faz caminhar)

Va. - oh, uou, uou, uou. (latindo)

Mãe - Cadê o ouo uou?

No exemplo, Vanessa repete o mesmo movimento realizado pela mãe, assim como a fala, para se referir à figura de um outro cachorro, no mesmo livro. A mãe, ao repetir o enunciado da filha, parece reconhecê-la como sujeito falante. A repetição ou espelhamento do comportamento do interlocutor caracteriza o que de Lemos (1981, 1982, 1992) chamou de especularidade. Segundo de Lemos, na especularidade, a criança, ao reproduzir a ação do interlocutor e ao ter seu comportamento reproduzido por ele, se reconhece como sujeito falante.

Embora a conversação entre as mães e as crianças se caracterize, nas primeiras gravações, pelo uso de gestos de apontar e de ações sobre os objetos, observam-se nos dados de um dos sujeitos - Márcio - formas abreviadas de cadeias motoras, como se observa no exemplo:

(4) (Mãe de Márcio (4;5.8) se aproxima da bolsa para pegar um lenço).

M. - (cutuca a mãe)

Mãe - (olha para M.)

M. - [gesto de dedos polegar e indicador das duas mãos colocados em frente à boca e mãos um pouco afastadas, interpretado como **bala**]

Mãe - Bala não tem.

M. - [gesto de voltar a palma das mãos abertas para cima, interpretado como **acabar**]

Mãe - Acabou.

M.- (Mãos na cintura e expressão facial de contrariedade)

Neste exemplo, vê-se como o gesto de juntar os dedos polegar e indicador das duas mãos junto à boca é interpretado imediatamente pela mãe. O movimento da mãe de Márcio em direção à sua bolsa parece trazer fragmentos de uma situação significada anteriormente pelos dois, os quais são interpretados pela mãe.

Um fato que chama a atenção nos dados, desde o início das gravações, é que, além de interpretar os gestos dos filhos, as mães fazem uso dos mesmos para se fazer entender:

(5) (Viviane (3;0.19) pega um fantoche com cara de boneca e dá um para a mãe)

Mãe - Que nenê bonito. Que bonitinho.

[Gesto de segurar o fantoche junto ao corpo, de virar-se de um lado e de outro, balançando o fantoche, interpretado como **embalar**]

Vi. - [segura o fantoche junto ao corpo, vira-se de um lado para outro, balançando-o, interpretado como **embalar**]

Mãe - [mostra o seu fantoche para Viviane]

Que bonitinho, né?

Note-se, no exemplo acima, a mãe de Viviane usa o gesto para se referir a um fantoche, presente na sala. A retomada pela criança do gesto de embalar o fantoche, introduzido pela mãe, tem não só um valor de participação no diálogo instaurado por esse gesto, como o de constituir um significante: a interpretação do fantoche como “nenê” ou “filha”, que se pode dizer “nomeado” pelo gesto interpretável como embalar. Trata-se, portanto, de uma instanciação do processo de especularidade, que, segundo de Lemos (1981, 1982), faz parte do percurso para a simbolização. É interessante notar que oito meses depois, observa-se, nos dados de Viviane, o uso de uma abreviação do gesto interpretado como **embalar** pela criança para se referir a uma figura de menina em um livro, indicando que o mesmo foi ressignificado:

(6) (Viviane (3;8.29) e mãe vêem figuras em livros)

Vi. - [aponta figura] [gesto de braço fletido, palma para cima e movimento com o braço de um lado para outro, interpretado como **embalar**]

Mãe - [meneio negativo com a cabeça]

[gesto de virar a palma da mão aberta para cima, interpretado como **pergunta**]

Onde tem nenê?

[Aponta a mesma figura]

Não tem nenê. É o menino.

[Gesto de mão aberta, palma para baixo, na altura da cintura, interpretado como **alto**]

Já é grande, né?

A abreviação referida acima está representada, no exemplo, pelo movimento com o braço, que passa a ser a referência a nenê, substituindo toda a cadeia motora de embalar, observada no exemplo anterior. Note-se que a mãe de Viviane interpreta os movimentos da filha, combinando gestos e fala.

Na mesma gravação, observa-se um número maior de gestos por parte da mãe de Viviane, observando-se verdadeiros diálogos gestuais na dupla:

(7) (Viviane (3;8.29) e mãe vêem figuras em livros)

Mãe - (cutuca Viviane) [aponta figura]

O que é isso?

Mãe - [repete o gesto de virar as palmas das mãos abertas para cima, com expressão facial interrogativa, interpretado como **pergunta**]

O que é?

[gesto de mão fechada, colocada ao lado da cabeça, interpretado como **guarda-chuva**]

O guarda-chuva.

(Vi. se distrai e a mãe encosta em seu braço)

Vi. (Olha para a mãe)

Mãe - [repete o gesto de mão fechada, colocada ao lado da cabeça, interpretado como **guarda-chuva**]

Guarda-chuva.

Vi. - (olha para a figura) [repete o gesto da mãe, interpretado como **guarda-chuva**]

Mãe - [aponta janela da sala]

Tá chovendo, né?

(Viviane não parece atenta. Irmã, presente à gravação, pede para ver a figura e mãe vira o livro para ela. Viviane olha para a irmã)

Vi. - [aponta janela] [gesto de mão fechada, ao lado da cabeça, interpretado como **guarda-chuva**]

Mãe - Tá chovendo. Tá segurando o guarda-chuva.

No exemplo, vários pontos merecem ser comentados. Primeiramente o número de gestos usados pela mãe de Viviane, os quais são retomados, resultando em um diálogo bastante longo. Em segundo lugar, a ocorrência de combinação de gestos por Viviane, o que parece indicar que ela está estabelecendo relação entre fragmentos dos enunciados gestuais da mãe. Assim, na tentativa de transmitir a uma terceira pessoa - a irmã - o diálogo com a mãe, Viviane combina o gesto de apontar a janela, usado pela mãe, com o gesto interpretado como **guarda-chuva**, também da mãe. Trata-se da primeira manifestação de uma estrutura combinatória.

Um movimento mais complexo em direção a uma maior eficácia simbólica do gesto pode ser observado nos dados de Márcio. Tal eficácia simbólica se manifesta pelo fato de que ele usa gesto e fala da situação de martelar pregos num jogo simbólico no qual um objeto (eixo de um jogo) ganha estatuto de um outro objeto:

(8) (Márcio (5;2.20) segura uma peça de um jogo de encaixe pelo eixo como se fosse um martelo e o bate no chão).

Mãe - [meneio negativo com a cabeça]

Não

M. - [põe a mão na ponta do martelo e começa a martelar levemente no chão, parecendo martelar um prego]

pa! Pa! pa!

(Dá o martelo para a mãe)

[gesto de mão fechada, palma para a esquerda e movimento com a mão para cima e para baixo, interpretado como **martelar**]

pa! pa!

[Meneio afirmativo com a cabeça]

Mãe - [gesto de voltar a palma da mão aberta para cima, interpretado como **pergunta**]

[gesto de mão fechada, palma para a esquerda e polegar e indicador próximos, interpretado como **pequeno**]

Cadê o prego? Cadê?

(Márcio finge por algo perto de sí e martela)

M. - pa! pa!

Um caminho completamente diferente de Viviane e de Márcio foi observado nos dados de Vanessa.

Na interação com a mãe, embora gestos e fala fossem usados por ambas, observou-se, ao longo das gravações, o predomínio da linguagem oral por parte da menina. Assim, enquanto Márcio faz uso de fragmentos gestuais de situações partilhadas anteriormente, Vanessa faz uso de fragmentos orais no mesmo contexto, como se pode verificar no exemplo:

(9) (Vanessa (4;2.3) e mãe brincam de pegar uma a outra com fantoches. Vanessa ri.)

Mãe - Mãe está com medo [movimento com o corpo de encolher-se como se estivesse com medo, interpretado como **medo**]

Va. - [mostra o fantoche de pato para a mãe]

patu. É patu.

Mãe - O pato?

Va. - é [meneio negativo com a cabeça]

num temei, temei (enquanto mexe com uma das mãos no pato)

No exemplo, o enunciado **num temei, temei** não me parece poder ser considerado uma repetição da fala da mãe, mas antes algo semelhante a **não tenha medo**, expressão comumente usada pelas mães para dar segurança ao filho diante de animais. Assim, a meu ver, trata-se de uma forma ainda não analisada, um fragmento do discurso do adulto, na concepção de de Lemos (1992).

Já, no exemplo que se segue, pode-se observar o início da mudança da posição de Vanessa na direção de uma seqüência estruturada:

(10) (Vanessa (5;9.6) e mãe brincam com quebra-cabeça de figura humana. Falta a perna do boneco)

(Vanessa olha para uma peça quebrada - perna de um boneco)

Va. - quebrô perna. Quebrô perna/papai.

Mãe - A Vanessa quebrou a perna?

Va. - quebrô perna você/o papai.

(Va. fala sozinha enquanto monta o quebra-cabeça)

Va. - quebrô o braço. Menino. Mamãe. Menina. Olha a mamãe. Papai. Papai.

A mudança de posição a que me referi acima está representada pelo fato de que o enunciado **quebrô perna/papai**, evocado pela peça quebrada (perna de um boneco) serve de esquema para um outro enunciado - **quebrô o braço**. A substituição de perna por braço, que inicia uma longa seqüência de palavras, mostra a capacidade de Vanessa de operar sobre estruturas, ou melhor, de reconhecer posições numa estrutura.

O fato de Vanessa ter chegado até a operar sobre estruturas orais não pode ser atribuído a uma perda auditiva mais leve do que as outras crianças. Embora todas as crianças tenham perdas auditivas semelhantes, a interação de Vanessa com a mãe é diferenciada, na medida em que as formas de interação que a mãe instaura na sua relação com a filha mostram que sua representação inclui a capacidade desta de usar as duas modalidades de linguagem.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho procurei mostrar que, ainda que não escutem, crianças surdas sofrem o efeito da língua falada pela mãe. A língua, que se instancia através da modalidade oral, tem efeito de significação da criança para si mesma, dos objetos e dos outros. Tal efeito se manifesta através da incorporação tanto dos gestos como da fala.

---

## BIBLIOGRAFIA

- DE LEMOS, C.T.G. (1981) "Interactional processes and the child's construction of language". In W. Deutsch (ed.) **The Child's Construction of Language**. London: Academic Press.
- \_\_\_\_\_. (1982) "La Specularità como processo costitutivo del dialogo nella acquisizione del linguaggio". In L. Camaioni (ed.) **La Teoria di Jean Piaget**. Firenze: Giunti-Barbera.
- \_\_\_\_\_. (1992) "Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo di cambio". **Substratum**, v. 1, pp. 121-135.
- \_\_\_\_\_. (1994) **Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem**. Anais do III Encontro de Aquisição da Linguagem. Porto Alegre, R.S.
- PEREIRA, M.C.C. (1990) **Interação e construção do sistema gestual em crianças deficientes auditivas, filhas de pais ouvintes**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).